U.PORTO

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Ligação Emocional, Sentido de Pertença Familiar e Estabilidade na Adoção

Rita Santos Tavares

M

2026

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

LIGAÇÃO EMOCIONAL, SENTIDO DE PERTENÇA FAMILIAR E ESTABILIDADE NA ADOÇÃO

Rita Santos Tavares

Outubro, 2026

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, sob orientação da Professora Doutora ***Maria Barbosa-Ducharne*** (FPCEUP) e coorientação da Professora Doutora ***Joana Lara Soares*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Sem prejuízo do disposto anteriormente, a autora declara que recorreu a uma ferramenta de Inteligência Artificial durante o processo de elaboração deste trabalho. Em particular, utilizou o ChatGPT (OpenAI) como instrumento de apoio à revisão linguística e estilística do texto e à reformulação de excertos para melhoria da clareza e coerência da escrita. O recurso a esta ferramenta limitou-se aos usos descritos, mantendo-se as ideias, a análise, a interpretação dos resultados, a elaboração científica e a redação inicial da Dissertação integralmente da responsabilidade da autora.

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito do Projeto AdoPt - Follow-up em Pós-Adoção: Capacidades, Dificuldades e Necessidades de Famílias Adotivas Portuguesas (Barbosa-Ducharne, Soares, et al., 2023), um projeto de investigação desenvolvido pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), em parceria com o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). O projeto tem como investigadora principal Maria Barbosa-Ducharne e como co-investigadora principal Joana Soares.

O Projeto AdoPt tem como objetivos, entre outros, documentar as trajetórias de pós-adoção, estudar a estabilidade e a instabilidade das famílias adotivas, identificar a extensão e o momento em que emergem dificuldades no período pós-adoção e identificar fatores de proteção e de risco associados à instabilidade da adoção. O projeto contempla ainda o desenvolvimento e a validação de um sistema online de monitorização em pós-adoção que permita identificar atempadamente indicadores de instabilidade.

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Barbosa-Ducharne, agradeço a orientação, os conhecimentos partilhados e as oportunidades de aprendizagem ao longo deste percurso. Agradeço-lhe também por ter despertado em mim um interesse cada vez maior pela área da proteção das crianças e jovens e por me ter ajudado a olhar para esta área com mais conhecimento, curiosidade e sentido de responsabilidade.

À minha coorientadora, Professora Doutora Joana Soares, agradeço a disponibilidade, a proximidade e o acompanhamento ao longo deste processo. Obrigada pela ajuda nas dúvidas, pelas orientações e por ter contribuído para que este trabalho ganhasse clareza e forma.

Às famílias que participaram no Projeto AdoPt, deixo um agradecimento muito especial. Sem a disponibilidade para partilharem as suas experiências e vivências, este trabalho não seria possível. Espero que o conhecimento produzido possa contribuir para uma melhor compreensão das famílias adotivas e das suas necessidades.

À minha mãe, por tudo aquilo que és para mim e por tudo o que me deste ao longo da vida. Muito da minha força, da minha forma de enfrentar os desafios e da vontade de continuar a aprender vem de ti. Chegar até aqui também tem muito de ti. Obrigada por estares sempre comigo e por me teres ensinado a acreditar que sou capaz.

À minha família e a todos os que, de diferentes formas, fizeram parte desta etapa, obrigada pelo apoio, pela compreensão e pela presença.

A todos vocês, um sincero obrigada!

Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar a ligação emocional e o sentido de pertença familiar de pais adotivos e explorar a sua relação com características sociodemográficas, com o percurso pré-adotivo da criança adotada, com a compreensão parental da perda e do trauma e com a instabilidade da adoção. Participaram 55 figuras parentais no âmbito do Projeto AdoPt, tendo sido utilizados dados recolhidos em dois momentos de avaliação (T1 e T2). A ligação emocional e o sentido de pertença familiar foram avaliados através do *Belonging and Emotional Security Tool - Adoption and Guardianship* (BEST-AG). Os resultados revelaram pontuações globalmente elevadas em ambas as dimensões. Idades mais elevadas da criança/adolescente adotada/o relacionaram-se com pontuações mais baixas de ligação emocional dos pais, não tendo sido observadas correlações significativas com o sentido de pertença familiar. As variáveis relativas ao percurso pré-adotivo da criança e à compreensão parental da perda e do trauma não apresentaram correlações significativas com nenhuma das duas dimensões. Por sua vez, níveis mais elevados de instabilidade da adoção relacionaram-se com pontuações mais baixas de ligação emocional e de sentido de pertença familiar dos pais. Observou-se ainda uma correlação positiva entre a compreensão parental da perda e do trauma e a instabilidade da adoção. Os resultados salientam a relevância de considerar a ligação emocional dos pais à criança/adolescente adotado/a, o seu sentido de pertença familiar e a estabilidade da adoção na compreensão das relações familiares no contexto da adoção.

Palavras-chave: adoção; ligação emocional; sentido de pertença; instabilidade da adoção; compreensão parental da perda e do trauma.

Abstract

The present study aimed to examine adoptive parents' emotional connection and sense of family belonging and to explore their associations with sociodemographic characteristics, the adopted child's pre-adoptive history, parental understanding of loss and trauma, and adoption instability. The sample comprised 55 parental figures participating in the AdoPt Project, and data from two assessment points were used. Emotional connection and sense of family belonging were assessed using the *Belonging and Emotional Security Tool - Adoption and Guardianship* (BEST-AG). Results showed generally high scores on both dimensions. Older age of the adopted child/adolescent was correlated to lower levels of parental emotional connection, whereas no significant correlations were found with sense of family belonging. Variables related to the child's pre-adoptive history and parental understanding of loss and trauma were not significantly correlated to either dimension. In contrast, higher levels of adoption instability were correlated to lower levels of parental emotional connection and sense of family belonging. A positive correlation was also found between parental understanding of loss and trauma and adoption instability. The findings highlight the relevance of considering parents' emotional connection to the adopted child/adolescent, their sense of family belonging, and adoption stability in understanding family relationships in the context of adoption.

Keywords: adoption; emotional connection; sense of belonging; adoption instability; parental understanding of loss and trauma.

Introdução

Adversidade Prévia e Percurso de Vida das Crianças que Chegam à Adoção

O percurso das crianças que chegam à adoção pode ser marcado por experiências de adversidade precoce, cuja natureza, intensidade e duração variam consideravelmente. A literatura refere, entre outras situações, negligência, maus-tratos, prestação instável ou inconsistente de cuidados, privação em contexto institucional e instabilidade das colocações, bem como fatores de risco pré e perinatais, como a exposição pré-natal a álcool ou drogas e a prematuridade. Estas experiências podem ocorrer isoladamente ou em combinação, pelo que a adversidade pré-adotiva não corresponde a uma realidade homogénea entre as crianças adotadas (Fiore et al., 2025; Hornfeck et al., 2026).

A investigação sugere que a acumulação de diferentes fatores de risco pode ser particularmente relevante para compreender o ajustamento posterior. Hornfeck et al. (2026) e Fiore et al. (2025) salientam que a exposição a várias adversidades tem sido associada a um maior risco de dificuldades socioemocionais posteriores. Contudo, os resultados apresentados na literatura não são uniformes. Enquanto alguns estudos identificaram associações entre a adversidade pré-adotiva e dificuldades internalizadas e externalizadas ao longo do tempo, outros observaram uma diminuição do poder preditivo dos fatores de risco pré-adotivos ou ausência de efeitos sobre a evolução posterior das dificuldades (Ahn et al., 2017; Finet et al., 2020; Hornfeck et al., 2026).

Neste contexto, a idade da criança no momento da integração na família adotiva tem sido frequentemente utilizada como um indicador indireto da duração da exposição à adversidade, mas a sua interpretação exige cautela. Fiore et al. (2025) salientam que crianças integradas numa família adotiva com a mesma idade podem ter vivido experiências e recebido cuidados de qualidade muito diferentes, pelo que a idade não permite conhecer diretamente a natureza ou a intensidade da adversidade. No estudo longitudinal dos autores, realizado com 48 famílias adotivas, uma idade mais avançada no momento da integração associou-se a mais dificuldades socioemocionais quatro anos depois, tanto nos relatos maternos como paternos. Estes resultados mostram que a idade no momento da integração pode constituir um indicador relevante, mas evidenciam também os seus limites quando utilizada isoladamente para caracterizar a história da criança prévia à adoção (Fiore et al., 2025).

Em síntese, as experiências pré-adotivas constituem uma dimensão relevante para a compreensão do percurso da criança adotada, mas a literatura evidencia heterogeneidade tanto na natureza dessas experiências como nos resultados posteriores. A sua análise deve, por isso,

considerar a diversidade dos percursos individuais e evitar interpretações deterministas da relação entre adversidade anterior e adaptação após a adoção (Fiore et al., 2025; Hornfeck et al., 2026).

Compreensão Parental da Perda e do Trauma da Criança Adotada

Na adoção, a forma como os pais compreendem as experiências anteriores da criança pode influenciar a forma como interpretam as suas emoções e comportamentos no contexto familiar. No entanto, a literatura não apresenta uma definição consensual de compreensão parental da perda e do trauma, abordando esta questão através de diferentes constructos, como o conhecimento parental acerca do trauma infantil, a capacidade de considerar a experiência interna da criança na interpretação do seu comportamento e a experiência dos próprios pais perante manifestações associadas a histórias de trauma. Estes contributos não são equivalentes, mas permitem enquadrar diferentes aspetos relacionados com a forma como os pais compreendem a experiência da criança (Agius et al., 2024; Miller et al., 2018; Staines et al., 2019).

No que respeita ao trauma, Miller et al. (2018) verificaram que o que os pais adotivos consideravam saber sobre trauma infantil nem sempre correspondia ao conhecimento que demonstravam perante questões específicas sobre o tema. Este resultado não permite definir o que constitui uma adequada compreensão parental do trauma nem esclarecer de que forma esse conhecimento se traduz na relação com a criança, mas evidencia que a perceção dos próprios pais acerca do que sabiam podia não coincidir inteiramente com o conhecimento demonstrado. Assim, o conhecimento parental acerca do trauma não deve ser inferido apenas a partir da perceção dos próprios pais de estarem informados sobre o tema (Miller et al., 2018).

Para além do conhecimento sobre trauma, a forma como os pais atribuem significado às manifestações da criança constitui um contributo relevante para esta discussão. Embora o funcionamento reflexivo parental não corresponda à compreensão da perda e do trauma, Staines et al. (2019) observaram um aumento da curiosidade e do interesse dos pais pelos estados mentais da criança após a participação num programa dirigido a famílias adotivas. Os autores colocam a possibilidade de alguns comportamentos terem passado a ser interpretados menos como agressões ou ataques pessoais e mais como manifestações de sofrimento emocional. Embora esta explicação não constitua um mecanismo diretamente demonstrado pelo estudo, ilustra a relevância de considerar a experiência interna da criança na interpretação do seu comportamento.

A capacidade de manter esta atenção à experiência da criança pode tornar-se mais difícil em contextos de elevado desgaste parental. No estudo qualitativo de Agius et al. (2024), os participantes descreveram situações de distanciamento emocional, dificuldade em permanecer responsivos e sensíveis às necessidades emocionais dos filhos e em compreender o seu ponto de vista. Estes resultados dizem respeito à experiência de *compassion fatigue* e não constituem uma avaliação direta da compreensão parental da perda e do trauma, mas mostram como o desgaste emocional pode coexistir com dificuldades em manter a atenção e a sensibilidade à experiência da criança.

No seu conjunto, estes estudos abordam dimensões distintas da forma como os pais conhecem, interpretam e respondem à experiência da criança adotada. Estes constructos não correspondem diretamente à compreensão parental da perda e do trauma considerada no presente trabalho, mas permitem enquadrar aspetos próximos desta dimensão, mantendo clara a distinção conceptual entre aquilo que cada estudo efetivamente avaliou (Agius et al., 2024; Miller et al., 2018; Staines et al., 2019).

Ligação Emocional e Sentido de Pertença Familiar dos Pais Adotivos

O sentido de pertença familiar refere-se à ligação emocional e psicológica da pessoa aos membros da sua família. No contexto da adoção, a pertença tem sido considerada uma dimensão da permanência relacional, não coincidindo necessariamente com a permanência legal (Brodzinsky & Smith, 2019). Contudo, permanece limitado o conhecimento acerca da forma como a pertença familiar é experienciada pelas próprias pessoas adotadas (Rolock, White, et al., 2026).

Embora não tenham analisado especificamente a ligação emocional ou o sentido de pertença familiar, Ahn e Choi (2022), num estudo centrado no bem-estar de pessoas adotadas, identificaram a qualidade da relação entre pais e filhos como uma dimensão relevante e observaram diferenças relacionadas com a idade. Estes resultados salientam a pertinência de considerar uma perspetiva desenvolvimental na compreensão das relações familiares no contexto da adoção.

A ligação emocional e o sentido de pertença familiar constituem dimensões conceptualmente relacionadas, mas distintas. Esta distinção encontra-se refletida no *Belonging and Emotional Security Tool* (BEST), desenvolvido no contexto do acolhimento familiar. Frey et al. (2008) descrevem duas versões do instrumento, uma destinada aos adolescentes em acolhimento e outra aos pais de acolhimento. Os autores distinguem dois domínios conceptuais: *Emotional Security*, relativo à qualidade emocional da relação entre o adolescente e os seus

cuidadores, e *Claiming*, relativo, na versão parental, ao sentido do cuidador de que o adolescente lhe pertence e pertence à família e, na versão destinada aos adolescentes, à perceção de pertencer à família. O BEST foi posteriormente adaptado ao contexto da adoção e *guardianship*, dando origem ao BEST-AG (Sernaker, 2022).

A avaliação da pertença exige, contudo, atenção à perspetiva a partir da qual esta é considerada. Rolock, White, et al. (2026) encontraram padrões distintos nos fatores associados à pertença quando esta foi analisada a partir das perspetivas das pessoas adotadas e dos pais adotivos. Estes resultados reforçam a necessidade de distinguir a perceção parental acerca da pertença da experiência subjetiva da própria pessoa adotada. Acresce que, nesse estudo, a pertença foi avaliada através de um único item, limitação assinalada pelos próprios autores por restringir a abrangência do constructo.

No conjunto da literatura analisada, revelou-se limitada a investigação especificamente centrada no sentimento de pertença em famílias adotivas. A evidência disponível salienta a complexidade da sua conceptualização e avaliação, particularmente a importância de considerar a perspetiva de quem responde. Nos estudos baseados no relato parental, acede-se às perceções e atitudes dos pais relativamente à pertença da pessoa adotada à família, e não diretamente à experiência subjetiva desta. A investigação sustenta, assim, a relevância da pertença enquanto dimensão relacional, mas evidencia simultaneamente limitações no conhecimento existente acerca deste constructo no contexto da adoção (Frey et al., 2008; Rolock, White, et al., 2026; Sernaker, 2022).

Instabilidade da Adoção

A instabilidade pós-adoção pode assumir diferentes formas, desde situações formais de rutura até outras formas de descontinuidade da convivência familiar, não devendo ser entendida como uma realidade única. A literatura tem associado a instabilidade da adoção a diferentes características da pessoa adotada, dos pais adotantes e do funcionamento familiar, para além dos recursos e práticas profissionais, embora estas associações não permitam explicações lineares ou causais (Palacios et al., 2019; Rolock, Ringeisen, et al., 2026; White et al., 2025).

Particularmente relevante para o presente estudo é a relação entre instabilidade e pertença familiar. Koh et al. (2025) verificaram que a experiência de instabilidade da adoção estava associada a uma menor probabilidade de jovens adultos adotados e pais adotivos reportarem um forte sentido de proximidade e pertença familiar. Contudo, estes resultados mostram apenas uma associação entre as variáveis, não permitindo concluir qual delas antecede a outra nem estabelecer uma relação de causalidade.

A existência de instabilidade em pós-adoção não implica necessariamente um baixo sentimento de pertença. Rolock, Ringeisen, et al. (2026) verificaram que algumas pessoas adotadas que tinham experienciado instabilidade continuavam a reportar níveis elevados de pertença à família adotiva. Estes resultados sugerem que instabilidade e pertença são dimensões diferentes, embora possam estar relacionadas.

O Presente Estudo

O percurso prévio à adoção, a compreensão parental da perda e do trauma e a instabilidade da adoção constituem dimensões relevantes para o presente estudo. Atendendo à heterogeneidade das experiências anteriores à adoção, importa considerar as variáveis relativas ao passado da pessoa adotada sem pressupor relações diretas ou deterministas com a sua experiência posterior (Fiore et al., 2025; Hornfeck et al., 2026). Interessa igualmente explorar de que forma a compreensão parental da perda e do trauma se relaciona com a ligação emocional e o sentido de pertença familiar dos pais adotivos.

No presente estudo, a pertença familiar é considerada a partir da perspetiva dos pais adotivos, tendo em conta a sua ligação emocional à/ao filha/o adotada/o e o sentido de pertença familiar. A instabilidade em adoção é igualmente considerada, atendendo à associação identificada na literatura entre instabilidade e pertença familiar (Koh et al., 2025; Rolock, Ringeisen, et al., 2026).

Neste enquadramento, o presente estudo centra-se na ligação emocional dos pais adotivos à criança adotada e no sentido de pertença familiar, avaliados a partir da perspetiva parental.

Assim, o objetivo principal do presente estudo é analisar estas duas dimensões e explorar a sua relação com variáveis sociodemográficas da criança, dos pais e da família, com o percurso pré-adotivo da criança, com a compreensão parental da perda e do trauma e com a instabilidade da adoção.

Os objetivos específicos são:

1) Explorar a ligação emocional dos pais adotantes aos filhos adotados e o sentido de pertença familiar.

2) Analisar a relação da ligação emocional e do sentido de pertença familiar com variáveis sociodemográficas da criança, dos pais e da família.

3) Analisar a relação da ligação emocional e do sentido de pertença familiar com variáveis do passado da criança.

4) Explorar a relação entre a compreensão da perda e do trauma por parte dos pais adotivos (avaliada em T1) e a ligação emocional dos pais e o sentido de pertença familiar (avaliados em T2).

5) Explorar a relação entre a ligação emocional e o sentido de pertença familiar dos pais adotantes e a instabilidade na adoção.

6) Explorar a relação entre a compreensão da perda e do trauma por parte dos pais adotivos, a ligação emocional e o sentido de pertença familiar e a instabilidade em adoção.

Método

Participantes

A amostra do presente estudo integra 55 figuras parentais participantes nos momentos Tempo 1 (T1) e Tempo 2 (T2) do Projeto AdoPt. Entre os dois momentos de avaliação decorreram, em média, 21.84 meses (*DP* = 7.00; *Min.* = 12; *Máx.* = 39).

Das 55 figuras parentais participantes, 42 (76.4%) eram mães e 13 (23.6%) eram pais. Em T1, as suas idades variavam entre 39 e 57 anos (*M* = 47.96, *DP* = 4.11).

Relativamente às habilitações literárias, a maioria dos participantes (*n* = 47; 85.5%) tinha concluído o Ensino Superior, enquanto os restantes oito (14.5%) tinham concluído o Ensino Secundário (12.º ano).

Os participantes eram figuras parentais de 55 crianças/adolescentes adotados. Em T1 tinham entre 2.58 e 19.33 anos (*M* = 10.91, *DP* = 3.90) e, em T2, entre 3.75 e 22.58 anos (*M* = 12.80, *DP* = 3.97). Vinte e sete (49.1%) eram do sexo masculino e 28 (50.9%) do sexo feminino.

No que respeita à sua história prévia à adoção, as crianças foram separadas das famílias biológicas, em média, aos 2.31 anos (*DP* = 2.90; *Min.* = 0.00, *Máx.* = 13.00). Após essa separação, 52 (94.5%) foram acolhidas em instituição, duas (3.6%) em acolhimento familiar e uma (1.8%) passou por ambas as modalidades de acolhimento.

Relativamente aos motivos que estiveram na origem da retirada das crianças das respetivas famílias biológicas, 41 (74.5%) tinham sido sinalizadas por experiências de negligência, 21 (38.2%) por abandono, 13 (23.6%) por maus-tratos físicos, 12 (21.8%) por maus-tratos psicológicos e duas (3.6%) por abuso sexual. Uma vez que estas categorias não são mutuamente exclusivas, uma mesma criança podia apresentar mais do que um motivo de retirada. Considerando o conjunto de experiências adversas, as crianças/adolescentes apresentavam entre duas e oito experiências adversas (M = 4.53, DP = 1.63). Quatro crianças/adolescentes (7.3%) apresentavam duas experiências adversas, 14 (25.5%) três, 13

(23.6%) quatro, sete (12.7%) cinco, nove (16.4%) seis, seis (10.9%) sete e duas (3.6%) oito. Oito crianças (14.5%) obtiveram consentimento para a adoção por parte dos pais biológicos.

Quanto à composição das famílias adotivas, 42 crianças e adolescentes (76.4%) integraram uma família biparental, uma integrou uma família inicialmente biparental cujos pais se divorciaram posteriormente e 12 (21.8%) integraram uma família monoparental.

No que respeita à presença de irmãos no agregado familiar, 29 pessoas adotadas (52.7%) integravam famílias com mais do que um filho/a, enquanto 26 (47.3%) não tinham irmãos no agregado familiar. Em 15 casos (27.3%), tinham sido adotadas pela mesma família duas ou mais crianças com relação biológica entre si. Oito pessoas adotadas (14.5%) integravam famílias nas quais os pais adotivos tinham filhos biológicos e três (5.5%) integravam famílias que tinham adotado mais do que uma criança sem relação biológica entre si. Adicionalmente, três agregados familiares (5.5%) apresentavam uma composição mista, integrando simultaneamente diferentes tipos de irmãos.

Instrumentos

Belonging and Emotional Security Tool - Adoption and Guardianship (BEST-AG)

O Belonging and Emotional Security Tool (BEST) foi originalmente desenvolvido por Frey et al. (2008) no contexto do acolhimento familiar. Posteriormente, no âmbito do National Quality Improvement Center for Adoption and Guardianship Support and Preservation (QIC-AG), o instrumento foi adaptado para utilização com famílias constituídas através da adoção e guardianship, dando origem ao Belonging and Emotional Security Tool - Adoption and Guardianship (BEST-AG; Sernaker, 2022). A documentação do QIC-AG descreve o BEST-AG como constituído por duas subescalas: Ligação Emocional (Emotional Security), com 13 itens, e Sentido de Pertença Familiar (Claiming), com 7 itens (Sernaker, 2022).

No Projeto AdoPt, o BEST-AG integra o protocolo de avaliação de T2. A versão portuguesa utilizada no presente estudo, designada *BEST-AG - Escala de Avaliação da Ligação Emocional e Sentido de Pertença Familiar* (Barbosa-Ducharne, Henrique, et al., 2023), é constituída por 20 itens, respondidos pelas figuras parentais relativamente à pessoa adotada. Para identificar os itens correspondentes a cada uma das duas subescalas na versão portuguesa, procedeu-se à comparação do conteúdo dos itens com a versão parental original apresentada por Frey et al. (2008). Com base nesta correspondência, a subescala Ligação Emocional integra os itens 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 17, 18 e 19, enquanto a subescala Sentido de Pertença Familiar integra os itens 1, 2, 3, 11, 14, 16 e 20.

Como exemplo da subescala Ligação Emocional, o item 8 questiona "Com que frequência se sente próximo/a do/a (Nome)?". Por sua vez, na subescala Sentido de Pertença familiar, o item 1 questiona "Em que medida sente que o/a (Nome) pertence à sua família?".

Os itens são respondidos em escala tipo Likert de 5 pontos, de 1 a 5, cujas opções de resposta variam em função do conteúdo de cada item. Pontuações mais elevadas correspondem a uma maior expressão do conteúdo avaliado. As pontuações das duas subescalas foram calculadas através da média dos respetivos itens, sendo pontuações mais elevadas indicativas de maior expressão da dimensão avaliada.

No presente estudo, a consistência interna de cada subescala foi avaliada através do alfa de Cronbach. A subescala Ligação Emocional apresentou uma consistência interna de $\alpha = .91$ (13 itens; $N = 55$), enquanto a subescala Sentido de Pertença Familiar apresentou uma consistência interna de $\alpha = .78$ (7 itens; $N = 54$).

Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico (Projeto AdoPt, 2021) foi utilizado para recolher informação relativa às figuras parentais, às crianças adotadas e à estrutura familiar. Relativamente às figuras parentais, inclui informação como idade, sexo, habilitações literárias e situação face ao emprego. No que respeita às crianças, contempla informação como idade, sexo e escolaridade. Permite ainda caracterizar aspetos da estrutura familiar, nomeadamente a composição biparental ou monoparental, o número de filhos e o tipo de fratria. Os informantes são as figuras parentais.

Questionário sobre Experiências e Contextos do Passado da Criança

O Questionário sobre Experiências e Contextos do Passado da Criança (Barbosa-Ducharne & Soares, 2021a) foi utilizado para recolher informação relativa à história de vida da criança anterior à adoção. O instrumento contempla informação acerca das problemáticas na família biológica, dos motivos que estiveram na origem da separação da criança da família de origem, das experiências de acolhimento e da idade da criança no momento da adoção. Os informantes são as figuras parentais.

No presente estudo, a informação recolhida através deste questionário permitiu considerar variáveis relativas ao percurso prévio da criança relevantes para os objetivos definidos, nomeadamente aspetos associados à separação da família de origem, às experiências de acolhimento e à idade no momento da adoção. Adicionalmente, este questionário permite calcular o número de Experiências Adversas na Infância (EAI) vividas por cada criança, através

do somatório dos diferentes indicadores de adversidade considerados. No presente estudo, foi utilizada uma pontuação total de EAI, correspondente ao número de experiências adversas identificadas no percurso de cada criança.

Questionário da Compreensão Parental da Perda e Trauma da Criança Adotada

O Questionário da Compreensão Parental da Perda e Trauma da Criança Adotada (Soares & Barbosa-Ducharne, 2021a) resulta da tradução e adaptação da *Grief and Loss Scale* (Rolock & Fong, 2019), desenvolvida no âmbito do *National Quality Improvement Center for Adoption and Guardianship Support and Preservation* (QIC-AG). O instrumento é constituído por 20 afirmações relativas ao reconhecimento, por parte dos pais adotivos, das experiências de perda e luto das crianças adotadas.

Os itens são respondidos numa escala de Likert de 5 pontos, de 1 (*Discordo Totalmente*) a 5 (*Concordo Totalmente*). A pontuação total é obtida através da média das respostas aos 20 itens, após inversão dos itens 3, 5, 8, 11, 16, 17, 19 e 20, podendo variar entre 1 e 5 pontos. Pontuações mais elevadas correspondem a maior compreensão parental das experiências de perda e luto da pessoa adotada. No presente estudo, o instrumento apresentou uma consistência interna de $\alpha = .75$.

Instabilidade em Pós-Adoção

No presente estudo, a instabilidade em pós-adoção foi considerada com base no indicador proposto por Henrique (2022) e posteriormente revisto no âmbito do Projeto AdoPt (Barbosa-Ducharne et al., 2024). Este indicador integra três medidas: dificuldades objetivas (*objective strain*), dificuldades subjetivas (*subjective strain*) e compromisso do adotante (*adopter commitment*).

As medidas de dificuldades objetivas e subjetivas têm por base o *Caregiver Strain Questionnaire* (CGSQ; Brannan et al., 1997). A medida de dificuldades objetivas é constituída por 12 itens, dos quais nove correspondem à primeira subescala do CGSQ e três foram acrescentados pela equipa de investigação do Projeto AdoPt, atendendo às características da adoção em Portugal e às dificuldades frequentemente identificadas na prática clínica. A medida de dificuldades subjetivas corresponde à segunda subescala do CGSQ. Os itens de ambas as medidas são respondidos numa escala de Likert de 5 pontos. A versão portuguesa é designada *Questionário de Dificuldades do Adotante* (Barbosa-Ducharne & Soares, 2021b; Henrique, 2022). Pontuações mais elevadas correspondem a maiores dificuldades reportadas pelos adotantes.

A medida de compromisso do adotante baseia-se nas *Caregiver Commitment Questions* do QIC-AG, às quais foi acrescentado um item proveniente das *Difficult Relationship Questions*. A medida utilizada por Henrique (2022) é constituída por seis itens, respondidos através de escalas de Likert de cinco pontos. Um dos itens era originalmente respondido numa escala de sete pontos, tendo sido recodificado para uma escala de cinco pontos, de forma a uniformizar a escala de resposta com a dos restantes itens. A versão portuguesa desta medida é designada *Questionário de Compromisso do Adotante* (Soares & Barbosa-Ducharne, 2021b; Henrique, 2022). Para o cálculo da pontuação final desta escala, quatro itens foram recodificados. Pontuações mais altas indicam níveis mais elevados de compromisso do adotante.

No projeto AdoPt, o Indicador de Instabilidade em Pós-Adoção apresentou valores de consistência interna de $\alpha = .98$, $\alpha = .97$, respetivamente, em T1 e T2 (Barbosa-Ducharne et al., 2024).

Procedimentos

O presente estudo integra o Projeto AdoPt - *Follow-up em Pós-Adoção: Capacidades, Dificuldades e Necessidades de Famílias Adotivas Portuguesas* (Barbosa-Ducharne, Soares, et al., 2023), um projeto longitudinal que contempla diferentes momentos de avaliação das famílias adotivas. O projeto foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT; PTDC/SOC-ASO/4158/2020), aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Ref.ª 2021/04-06) e contou com o acompanhamento da Unidade de Proteção de Dados da Universidade do Porto.

Seleção da Amostra

Na fase inicial do Projeto AdoPt, a identificação das famílias que cumpriam os critérios de participação foi realizada através dos serviços de adoção. As famílias elegíveis foram contactadas por correio eletrónico e receberam informação acerca dos objetivos e da relevância do projeto, bem como instruções relativas à participação.

Inicialmente, o projeto dirigiu-se a famílias que tinham adotado nos anos de 2013, 2016 e 2019. Posteriormente, perante a necessidade de alargar o recrutamento, os critérios de inclusão foram ampliados, passando a abranger famílias que tivessem um filho/filha adotado/a entre os 2 e os 19 anos, no momento de recolha de dados, qualquer que fosse o ano de adoção. O Projeto AdoPt foi também divulgado através de outros meios de comunicação, incluindo redes sociais.

As famílias interessadas efetuaram o registo na plataforma myAdoPt através de um código de acesso disponibilizado por correio eletrónico. Durante o processo de registo foi-lhes apresentado o consentimento informado para participação no projeto.

Recolha de Dados

A recolha de dados de T1 foi realizada online através da plataforma myAdoPt, desenvolvida em Microsoft Dynamics 365 para o Projeto AdoPt. Nas famílias biparentais, foi solicitado que os questionários fossem respondidos pela figura parental mais envolvida no quotidiano da criança/adolescente adotado. O protocolo incluía questionários relativos à própria figura parental, à pessoa adotada e à relação entre ambas.

O protocolo de T1 incluiu, entre outros instrumentos, o Questionário Sociodemográfico, o Questionário sobre Experiências e Contextos do Passado da Criança, o Questionário da Compreensão Parental da Perda e Trauma da Criança Adotada, o Questionário de Dificuldades do Adotante e o Questionário de Compromisso do Adotante, usados neste estudo.

O protocolo do segundo momento de avaliação (T2) inclui, entre outros instrumentos, o *Belonging and Emotional Security Tool - Adoption and Guardianship* (BEST-AG) e o Indicador de Instabilidade em Pós-Adoção.

Análise de Dados

As análises estatísticas foram realizadas com recurso ao IBM SPSS Statistics, versão 30.0. Foram realizadas análises descritivas para caracterizar os participantes e as variáveis em estudo, recorrendo a frequências e percentagens, bem como a médias, desvios-padrão, valores mínimos e máximos. Previamente às análises, foram calculadas as variáveis compósitas necessárias à operacionalização das dimensões em estudo, incluindo as pontuações de Ligação Emocional e Sentido de Pertença Familiar do BEST-AG, a pontuação total de experiências adversas, a pontuação de compreensão parental da perda e do trauma e o índice de instabilidade pós-adoção. A consistência interna das medidas foi avaliada através do alfa de Cronbach.

As correlações entre variáveis contínuas foram analisadas através de coeficientes de correlação bi-variada de Pearson. Para comparar as pontuações entre dois grupos independentes, foram realizados testes *t* para amostras independentes. O pressuposto de homogeneidade das variâncias foi avaliado através do teste de Levene e, quando este não se verificou, foram considerados os resultados do teste *t* de Welch. Foi adotado um nível de significância de $p < .05$.

Resultados

Os resultados são apresentados de acordo com os objetivos definidos para o presente estudo. Inicialmente, apresentam-se os resultados relativos à Ligação Emocional e Sentido de Pertença Familiar. A Tabela 1 apresenta a distribuição das respostas e a Tabela 2 apresenta as correlações entre os itens. Seguidamente, analisam-se as relações entre estas e as variáveis sociodemográficas, do percurso pré-adotivo da pessoa adotada, a compreensão parental da perda e do trauma e o indicador de instabilidade em pós-adoção.

Ligação Emocional e Sentido de Pertença Familiar: Análise Descritiva

Para caracterizar a Ligação Emocional e Sentido de Pertença Familiar reportados pelos adotantes, foi analisada a distribuição das respostas aos 20 itens do BEST-AG, apresentada na Tabela 1, bem como as pontuações obtidas nas duas subescalas.

De um modo geral, observou-se uma concentração das respostas nas pontuações mais altas das respetivas escalas. No item relativo à perceção de pertença do filho/a adotado/a à família, 87.3% das figuras parentais selecionaram a opção "Completamente". Relativamente à preocupação com o que acontece ao filho/a adotado/a, 92.7% responderam "Muitíssimo". A inclusão do filho/a adotado/a nas fotografias de família foi reportada como ocorrendo "Sempre" por 94.5% dos participantes e 98.2% referiram incluí-la "Sempre" nas férias em família. Adicionalmente, 90.9% consideraram "Extremamente importante" que o filho/a adotado/a saiba que permanecerá na família para sempre.

Apesar desta tendência geral, alguns itens apresentaram maior dispersão pelas diferentes categorias de resposta. No item relativo à confiança no filho/a adotado/a, as respostas distribuíram-se pelas cinco opções, sendo "Muitíssimo" a categoria mais frequente (32.7%). Também no item relativo à frequência com que a figura parental apoia ou defende o filho/a adotado/a mesmo quando este/a está errado/a foram utilizadas as cinco categorias de resposta, sendo "Algumas vezes" a mais frequente (32.7%), seguida de "A maioria das vezes" (30.9%).

Relativamente às pontuações das duas subescalas, a Ligação Emocional apresentou uma média de 4.48 (*DP* = 0.50), com valores compreendidos entre 2.54 e 5.00, enquanto o Sentido de Pertença Familiar apresentou uma média de 4.84 (*DP* = 0.25), com valores compreendidos entre 3.71 e 5.00.

Ligação Emocional e Sentido de Pertença Familiar: Correlações

Foi examinada a matriz de correlações de Pearson entre os 20 itens do BEST-AG, apresentada na Tabela 2. Observaram-se relações de magnitude variável entre os itens. A

correlação de maior magnitude foi observada entre os itens 17 e 18 (r = .89, p < .001). Observou-se também uma correlação elevada entre os itens 13 e 15 (r = .81, p < .001).

Em contraste, os itens 19 e 20 apresentaram várias correlações de reduzida magnitude ou próximas de zero com os restantes itens. Por exemplo, a associação entre os itens 19 e 8 não foi estatisticamente significativa (r = .03, p = .810), assim como a associação entre os itens 20 e 18 (r = .00, p = .974). As restantes correlações encontram-se apresentadas na Tabela 2.

Relação entre Ligação Emocional, Sentido de Pertença Familiar e Variáveis Sociodemográficas

Seguidamente, foram analisadas as relações da Ligação Emocional e do Sentido de Pertença Familiar com variáveis sociodemográficas relativas à criança/adolescente adotada/o, à figura parental respondente e à família. Para as variáveis contínuas foram calculadas correlações de Pearson. Para as variáveis dicotómicas foram realizados testes *t* para amostras independentes para comparação de médias entre grupos (e.g., sexo do respondente, famílias biparentais vs. monoparentais). Sempre que não se verificou o pressuposto de homogeneidade das variâncias, foram considerados os resultados do teste *t* de Welch. As correlações encontram-se apresentadas na Tabela 3, sendo os resultados dos testes *t* descritos no texto.

Relativamente à idade da criança/adolescente adotada/o, verificou-se uma correlação negativa e estatisticamente significativa com a Ligação Emocional (r = -.29, p = .034), indicando que quanto mais velha era a criança/adolescente, menos os pais reportavam ligação emocional à mesma. Não foram observadas correlações estatisticamente significativas entre a idade da criança/adolescente adotada/o e o Sentido de Pertença Familiar (r = -.22, p = .109).

Quanto à idade da figura parental respondente, não foram encontradas correlações estatisticamente significativas com a Ligação Emocional (r = -.24, p = .074). Do mesmo modo, não se verificaram correlações estatisticamente significativas com o Sentido de Pertença Familiar (r = −.25, p = .070).

Relativamente ao sexo da pessoa adotada, não se observaram diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das dimensões. Na Ligação Emocional do adotante, quando a criança/adolescente adotada/o era do sexo masculino, a média foi de 4.56 (DP = 0.45), comparativamente a 4.40 (DP = 0.54) quando a criança/adolescente era do sexo feminino, t(53) = 1.22, p = .227, IC 95% [-0.10, 0.43], d = .33. No Sentido de Pertença Familiar, as médias foram de 4.89 (DP = 0.18) para o sexo masculino e de 4.80 (DP = 0.30) para o sexo feminino, t(53) = 1.36, p = .180, IC 95% [-0.04, 0.23], d = .37. Apesar de não significativas, as diferenças tinham um tamanho de efeito moderado.

Também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função de a figura parental respondente ser o pai ou a mãe. Na Ligação Emocional, os pais apresentaram uma média de 4.50 (*DP* = 0.36) e as mães de 4.47 (*DP* = 0.53), *t*(53) = 0.23, *p* = .822, IC 95% [-0.28, 0.35], *d* = .07. No Sentido de Pertença Familiar, os pais apresentaram uma média de 4.87 (*DP* = 0.16) e as mães de 4.83 (*DP* = 0.28), *t*(53) = 0.44, *p* = .664, IC 95% [-0.13, 0.20], *d* = .14.

No que respeita à escolaridade da figura parental, não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre participantes com e sem ensino superior. Na Ligação Emocional, os participantes sem ensino superior apresentaram uma média de 4.75 (*DP* = 0.23), comparativamente a 4.43 (*DP* = 0.52) nos participantes com ensino superior, *t*(53) = 1.72, *p* = .091, IC 95% [-0.05, 0.70], *d* = .66. No Sentido de Pertença Familiar, as médias foram de 4.95 (*DP* = 0.07) para os participantes sem ensino superior e de 4.82 (*DP* = 0.27) para os participantes com ensino superior, *t*(53) = 1.28, *p* = .206, IC 95% [-0.07, 0.32], *d* = .49. Apesar de não significativas, estas diferenças de médias apresentaram tamanhos de efeito elevados.

Relativamente à tipologia familiar, não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre as médias obtidas na Ligação Emocional de famílias monoparentais (*M* = 4.35, *DP* = 0.71) e famílias biparentais (*M* = 4.50, *DP* = 0.43), *t*(52) = -0.96, *p* = .344, IC 95% [-0.48, 0.17], *d* = -.31. No Sentido de Pertença Familiar, as famílias monoparentais apresentaram uma média de 4.67 (*DP* = 0.41), enquanto as famílias biparentais apresentaram uma média de 4.89 (*DP* = 0.16). Dada a violação do pressuposto de homogeneidade das variâncias, foi considerado o teste *t* de Welch, não se verificando diferença estatisticamente significativa entre os grupos, *t*(11.98) = -1.80, *p* = .097, IC 95% [-0.49, 0.05], *d* = -.92.

Por fim, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas em função de se tratar de famílias com um único filho ou famílias com mais do que um filho. As famílias de filho/a único/a apresentaram uma média de ligação emocional de 4.47 (*DP* = 0.61) e nas famílias com mais do que um filho obteve-se uma média de 4.48 (*DP* = 0.38), *t*(53) = -0.07, *p* = .943, IC 95% [-0.28, 0.26], *d* = -.02. No Sentido de Pertença Familiar, as médias foram de 4.81 (*DP* = 0.34) para as famílias com filho/a único/a e de 4.87 (*DP* = 0.14) para as famílias com mais do que um filho. Dada a violação do pressuposto de homogeneidade das variâncias nesta comparação, foi considerado o teste *t* de Welch, não se observando uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, *t*(33.22) = -0.89, *p* = .379, IC 95% [-0.21, 0.08], *d* = -.25.

Relação entre Ligação Emocional, Sentido de Pertença Familiar e Variáveis do Percurso Pré-Adotivo

Posteriormente, foram analisadas as relações entre a Ligação Emocional e o Sentido de Pertença Familiar e diferentes variáveis relativas ao percurso pré-adotivo da pessoa adotada. Para as variáveis contínuas, ou seja, idade no momento da adoção, tempo de acolhimento, tempo na família biológica e pontuação total de experiências adversas, foram calculados coeficientes de correlação de Pearson. Adicionalmente, foram realizados testes *t* para amostras independentes para analisar diferenças nas pontuações de Ligação Emocional e Sentido de Pertença Familiar em função da existência de experiências de negligência. As correlações encontram-se apresentadas na Tabela 3; os resultados do teste *t* relativo à experiência de negligência são descritos no texto.

Não se observaram correlações estatisticamente significativas entre a idade no momento da adoção e a Ligação Emocional (r = -.10, p = .471) ou o Sentido de Pertença Familiar (r = -.06, p = .648). De igual modo, o tempo de acolhimento não apresentou uma correlação estatisticamente significativa com a Ligação Emocional (r = -.02, p = .909), nem com o Sentido de Pertença Familiar (r = -.08, p = .572).

Relativamente ao tempo na família biológica/idade de retirada da família biológica, não foram observadas correlações estatisticamente significativas com a Ligação Emocional (r = -.12, p = .392) ou com o Sentido de Pertença Familiar (r = -.04, p = .772). Também a pontuação total de experiências adversas não apresentou correlações estatisticamente significativas com a Ligação Emocional (r = -.01, p = .967), nem com o Sentido de Pertença Familiar (r = -.09, p = .522).

No que respeita às experiências de negligência, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na Ligação Emocional reportada pelas figuras parentais de crianças/adolescentes adotadas/os sem experiência de negligência (n = 14, M = 4.53, DP = 0.48) e com experiência de negligência (n = 41, M = 4.46, DP = 0.51), $t(53) = 0.45$, p = .655 , IC 95% [-0.24, 0.38], d = .14. Do mesmo modo, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas no Sentido de Pertença Familiar reportado pelas figuras parentais de crianças/ adolescentes adotadas/os sem experiência de negligência (M = 4.91, DP = 0.19) e com experiência de negligência (M = 4.82, DP = 0.27), $t(53) = 1.12$, p = .267 , IC 95% [-0.07, 0.24], d = .35.

Relação entre a Compreensão Parental da Perda e Trauma, a Instabilidade em Adoção e a Ligação Emocional e o Sentido de Pertença Familiar

Por último, foram analisadas, através de coeficientes de correlação de Pearson, as relações entre a compreensão parental da perda e trauma da pessoa adotada, avaliada em T1, a instabilidade em adoção, avaliada em T2 e a Ligação Emocional e o Sentido de Pertença Familiar, avaliados em T2. Os resultados encontram-se apresentados na Tabela 3.

Não foram observadas correlações estatisticamente significativas entre a compreensão parental da perda e trauma em T1 e a Ligação Emocional em T2 (r = -.13, p = .353), nem entre a compreensão parental da perda e trauma em T1 e o Sentido de Pertença Familiar em T2 (r = -.04, p = .782).

Relativamente à instabilidade em adoção, verificaram-se correlações negativas e estatisticamente significativas com a Ligação Emocional (r = -.59, p < .001) e com o Sentido de Pertença Familiar (r = -.45, p < .001). Assim, pontuações mais elevadas de instabilidade em adoção estavam associadas a pontuações mais baixas de Ligação Emocional e de Sentido de Pertença Familiar.

Adicionalmente, observou-se uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre a compreensão parental da perda e trauma em T1 e a instabilidade em adoção em T2 (r = .31, p = .020). Assim, pontuações mais elevadas de compreensão parental da perda e trauma estavam associadas a pontuações mais elevadas de instabilidade em adoção.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo analisar, a partir da perspetiva dos pais adotivos, as atitudes parentais promotoras de Ligação Emocional e Sentido de Pertença Familiar e explorar a sua relação com características sociodemográficas, com o percurso pré-adotivo da pessoa adotada, com a compreensão parental da perda e do trauma e com a instabilidade pós-adoção. De um modo geral, observaram-se pontuações elevadas nas duas dimensões avaliadas pelo BEST-AG. Entre as características sociodemográficas analisadas, apenas a idade da pessoa adotada apresentou uma associação estatisticamente significativa, verificando-se que idades mais elevadas estavam associadas a pontuações mais baixas de Ligação Emocional. Não foram identificadas associações significativas entre as variáveis relativas ao percurso pré-adotivo e nenhuma das duas dimensões, nem entre estas e a compreensão parental da perda e do trauma. Por sua vez, níveis mais elevados de instabilidade pós-adoção estiveram associados a pontuações mais baixas de Ligação Emocional e Sentido de Pertença Familiar. Observou-se ainda uma associação positiva entre a compreensão parental da perda e do trauma, avaliada em T1, e a instabilidade pós-adoção, avaliada em T2.

As pontuações globalmente elevadas de Ligação Emocional e Sentido de Pertença Familiar sugerem que as figuras parentais reportam ligação emocional com os/as filhos/as adotados/as e um sentido elevado de pertença entre os elementos da família. Este resultado é globalmente consistente com Rolock, White, et al. (2026), que observaram níveis elevados de pertença familiar tanto na amostra de jovens adultos adotados como na amostra de pais adotivos. Contudo, a proporção que reportou níveis elevados de pertença foi superior na amostra de pais adotivos. Importa, porém, considerar que as duas amostras eram distintas e que a maioria das respostas não correspondia a díades da mesma família, reforçando a importância da perspetiva a partir da qual esta dimensão é avaliada. No presente estudo, o BEST-AG foi respondido pelas figuras parentais, pelo que os resultados refletem as suas perceções e atitudes e não permitem conhecer diretamente a experiência subjetiva da pessoa adotada. Acresce que a concentração das respostas nas categorias superiores do instrumento poderá ter reduzido a variabilidade das pontuações e a capacidade de discriminar diferenças entre participantes.

Relativamente às características sociodemográficas, idades mais elevadas da criança/adolescente adotada/o estiveram associadas a pontuações mais baixas de Ligação Emocional, não se verificando a mesma associação com o Sentido de Pertença Familiar. A literatura oferece poucos elementos diretamente comparáveis, uma vez que muitos estudos se centram na idade no momento da adoção e não na idade atual da pessoa adotada. Ainda assim, este resultado pode ser enquadrado numa perspetiva desenvolvimental, considerando que as relações familiares e as formas de expressão da proximidade se transformam ao longo do desenvolvimento. Neste sentido, Ahn e Choi (2022) encontraram diferenças relacionadas com a idade no bem-estar de pessoas adotadas, reforçando a relevância de considerar a etapa desenvolvimental na compreensão das relações familiares em contexto de adoção.

Esta associação deve, contudo, ser interpretada com muita prudência, uma vez que os resultados não permitem concluir que o aumento da idade conduza a uma diminuição da Ligação Emocional. Tratando-se de uma medida respondida pelos pais, pontuações mais baixas relativas a filhos/as adotados/as mais velhos/as podem refletir diferenças na dinâmica relacional, nas formas de expressão da proximidade ou na forma como estas são percecionadas pelas figuras parentais em diferentes fases do desenvolvimento. A ausência de uma associação equivalente com o Sentido de Pertença Familiar é também coerente com a distinção conceptual entre as duas dimensões do BEST-AG (Frey et al., 2008; Sernaker, 2022). Quanto às restantes características sociodemográficas, não foram identificadas associações ou diferenças estatisticamente significativas. Estes resultados devem ser interpretados atendendo à dimensão

da amostra e à distribuição desigual dos participantes em alguns grupos, pelo que a ausência de significância estatística não deve ser entendida como evidência de inexistência de relação.

Também não foram encontradas associações estatisticamente significativas entre a Ligação Emocional ou o Sentido de Pertença Familiar e as variáveis relativas ao percurso pré-adotivo. Este resultado não significa que as experiências anteriores à adoção sejam irrelevantes. A literatura evidencia heterogeneidade na relação entre adversidade pré-adotiva e resultados posteriores. Fiore et al. (2025) encontraram uma associação entre uma idade mais avançada no momento da integração na família adotiva e maiores dificuldades socioemocionais, enquanto Hornfeck et al. (2026) mostram que a relevância dos fatores pré-adotivos pode variar ao longo do tempo e coexistir com a influência de fatores posteriores à adoção.

A comparação com o presente estudo deve ser cautelosa, uma vez que estes trabalhos analisaram sobretudo dificuldades emocionais, comportamentais ou socioemocionais, enquanto a presente investigação incidiu sobre relatos de pais adotivos sobre a sua ligação emocional e o sentido de pertença familiar. Além disso, indicadores como a idade no momento da adoção, o tempo de acolhimento ou a pontuação total de experiências adversas não traduzem necessariamente a natureza, intensidade, duração ou significado das experiências vividas (Fiore et al., 2025). Assim, os resultados mostram apenas que, nesta amostra e considerando os indicadores utilizados, não foi identificada uma associação estatisticamente significativa entre o percurso pré-adotivo e as dimensões avaliadas pelo BEST-AG, aconselhando prudência perante interpretações lineares ou deterministas destas relações.

No que respeita à compreensão parental da perda e do trauma, não foram observadas associações estatisticamente significativas com a Ligação Emocional ou com o Sentido de Pertença Familiar. A interpretação deste resultado é dificultada pela escassez de estudos que avaliem diretamente esta relação. Miller et al. (2018), Staines et al. (2019) e Agius et al. (2024) analisaram dimensões relacionadas com a forma como os pais conhecem, interpretam ou respondem à experiência dos filhos adotados, mas os constructos considerados não são equivalentes à compreensão parental da perda e do trauma avaliada no presente estudo. A ausência de associações significativas não permite, por isso, concluir que esta compreensão seja irrelevante para a relação adotiva, podendo indicar que a sua relação com os sentimentos parentais de ligação emocional e sentido de pertença familiar não é direta e/ou depende de outros processos individuais, relacionais ou familiares.

Por outro lado, verificou-se uma associação positiva entre a compreensão parental da perda e do trauma em T1 e a instabilidade pós-adoção em T2. Apesar da precedência temporal da primeira medida, este resultado não permite concluir que uma maior compreensão parental

conduza a maior instabilidade. Contudo, este resultado poderá indicar que, nas famílias que enfrentam maiores desafios à estabilidade da adoção, as experiências anteriores de perda e trauma dos/as filhos/as adotados/as se tornam mais salientes para os pais, ou que outros fatores se relacionam simultaneamente com ambas as variáveis. Estas possibilidades não foram testadas no presente estudo e devem ser consideradas apenas como hipóteses a aprofundar em investigação futura.

A instabilidade pós-adoção apresentou associações negativas com a ligação emocional reportada pelos pais adotivos, bem como com o sentido de pertença familiar. Este resultado é convergente com Koh et al. (2025), que verificaram que a ausência de instabilidade pós-adoção estava associada a uma maior probabilidade de níveis elevados de proximidade e de pertença familiar. A comparação deve, contudo, atender às diferenças na operacionalização da instabilidade. No presente estudo, a instabilidade é conceptualizada num contínuo entre um máximo de estabilidade e um máximo de instabilidade, sendo operacionalizada através de um indicador compósito que integra dificuldades objetivas, dificuldades subjetivas e compromisso do adotante. Assim, não traduz exclusivamente, como noutra investigação sobre instabilidade e rutura da adoção (e.g., Koh et al., 2025), a ocorrência de rutura formal da adoção ou de descontinuidade da convivência familiar, operacionalizada pela reentrada da criança/adolescente adotada/o no sistema de acolhimento antes de completar 18 anos.

Importa igualmente salientar que instabilidade e sentido de pertença não constituem dimensões opostas. Rolock, Ringeisen, et al. (2026) verificaram que uma proporção considerável de filhos e pais de famílias que tinham experienciado instabilidade continuava a reportar níveis elevados de pertença à família adotiva. Assim, embora níveis mais elevados de instabilidade tenham estado associados a pontuações mais baixas de Ligação Emocional e Sentido de Pertença Familiar no presente estudo, a presença de dificuldades ou instabilidade não implica necessariamente ausência de sentido de pertença.

No conjunto, os resultados evidenciam a complexidade das relações familiares no contexto da adoção. Nesta amostra, os indicadores relativos ao percurso pré-adotivo não se mostraram associados à Ligação Emocional ou ao Sentido de Pertença Familiar, enquanto a idade atual da criança/adolescente adotada/o e a instabilidade pós-adoção apresentaram associações com algumas destas dimensões. Estes resultados são compatíveis com uma compreensão da adoção como um processo relacional que continua a evoluir ao longo do tempo e que não pode ser compreendido exclusivamente a partir das experiências anteriores à integração na família adotiva.

O presente estudo apresenta algumas limitações. A reduzida dimensão da amostra limita a precisão das estimativas e a capacidade para identificar associações de menor magnitude, sendo que alguns grupos comparados apresentaram dimensões muito distintas. A amostra era ainda maioritariamente constituída por mães e por participantes com ensino superior, limitando a representatividade dos resultados relativamente à diversidade das famílias adotivas portuguesas. As figuras parentais foram os informantes neste estudo, o que não permitiu conhecer diretamente a experiência subjetiva das crianças/adolescentes adotadas/os e poderá ter introduzido variância associada à utilização da mesma fonte de informação. A concentração das respostas nas categorias superiores do BEST-AG poderá também ter limitado a variabilidade das pontuações. Importa ainda considerar a possibilidade de as famílias que se mantiveram no estudo entre T1 e T2 apresentarem níveis mais elevados de ligação emocional e de sentido de pertença familiar, o que poderá ter introduzido algum viés de seleção. Adicionalmente, a formulação de alguns itens do BEST-AG poderá ter favorecido respostas socialmente desejáveis, contribuindo para a concentração das respostas nas categorias superiores da escala. A correspondência dos itens da versão portuguesa às duas subescalas foi estabelecida através da comparação do conteúdo dos itens com a versão parental original, não tendo sido avaliada a estrutura fatorial do BEST-AG na presente amostra. Por fim, embora tenham sido utilizados dados provenientes de dois momentos de avaliação, as análises realizadas foram correlacionais e não permitem estabelecer relações causais.

Futuros estudos deverão recorrer a amostras maiores e mais diversificadas e integrar a perspetiva das próprias pessoas adotadas, idealmente em conjunto com a das figuras parentais. Estudos longitudinais com vários momentos de avaliação poderão contribuir para compreender a evolução da Ligação Emocional, do Sentido de Pertença Familiar e da instabilidade pós-adoção e esclarecer a direção das relações entre estas dimensões. Será igualmente relevante aprofundar a associação entre a compreensão parental da perda e do trauma e a instabilidade pós-adoção, considerando outros fatores individuais, relacionais e familiares potencialmente envolvidos.

Ao nível da prática, os resultados sugerem a pertinência de acompanhar as famílias para além da constituição legal da adoção, atendendo à qualidade das relações familiares, à Ligação Emocional, ao Sentido de Pertença Familiar e a eventuais indicadores de dificuldades ou instabilidade. A associação observada com a idade da pessoa adotada salienta ainda a importância de considerar as transformações próprias das diferentes etapas do desenvolvimento e a possibilidade de as necessidades das famílias se alterarem ao longo do percurso adotivo.

Conclusão

Em conclusão, o presente estudo contribui para o conhecimento acerca da ligação emocional dos pais adotivos aos seus filhos e do sentido de pertença familiar em famílias adotivas portuguesas. Os resultados evidenciam pontuações globalmente elevadas nestas dimensões, na perspetiva das figuras parentais, e mostram associações da Ligação Emocional com a idade da pessoa adotada e de ambas as dimensões com a instabilidade pós-adoção. Não foram identificadas associações estatisticamente significativas com os indicadores do percurso pré-adotivo ou com a compreensão parental da perda e do trauma. No seu conjunto, os resultados reforçam a importância de compreender a adoção como um processo relacional que continua a construir-se e a transformar-se ao longo do ciclo de vida da família.

Referências

Agius, C., Eve, Z., & Pearson, R. (2024). Exploring the lived experiences of compassion fatigue in parents who adopt children with trauma histories. *The British Journal of Social Work, 54*(1), 147–167. https://doi.org/10.1093/bjsw/bcad185

Ahn, J., Byun, M., & Kwon, J. (2017). Trajectory of problem behaviours of Korean adopted children: Using piecewise hierarchical linear growth modelling. *Child & Family Social Work, 22*(1), 461–471. https://doi.org/10.1111/cfs.12264

Ahn, J., & Choi, W. (2022). What affects the happiness of adopted children in South Korea? Does the adoption matter to their happiness? *Child and Adolescent Social Work Journal, 39*(2), 233–246. https://doi.org/10.1007/s10560-020-00718-9

Barbosa-Ducharne, M., Henrique, B. A. F. G., Fonseca, L. C. C., & Soares, J. L. (2023). *BEST-AG - Escala de Atitudes Parentais Promotoras de Pertença e Segurança Emocional* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Barbosa-Ducharne, M., Henrique, B., & Soares, J. (2024, July). *Mapping (in)stability in post-adoption: An adoption instability index for adoption research and practice* [Oral presentation]. 8th International Conference on Adoption Research (ICAR8), Minneapolis, MN, United States.

Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. L. (2021a). *Questionário sobre Experiências e Contextos do Passado da Criança* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. L. (2021b). *Questionário de Dificuldades do Adotante* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Barbosa-Ducharne, M., Soares, J., Palacios, J., Baptista, J., Alves, D., Cruz, O., Abreu Lima, I., Canário, C., & Magalhães, E. (2023). *AdoPt - Adoptive families' strengths, difficulties, and service needs: A Portuguese follow-up study*. https://doi.org/10.17605/OSF.IO/2K3MB

Brannan, A. M., Heflinger, C. A., & Bickman, L. (1997). The Caregiver Strain Questionnaire: Measuring the impact on the family of living with a child with serious emotional disturbance. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders, 5*(4), 212–222. https://doi.org/10.1177/106342669700500404

Brodzinsky, D., & Smith, S. L. (2019). Commentary: Understanding research, policy, and practice issues in adoption instability. *Research on Social Work Practice, 29*(2), 185–194. https://doi.org/10.1177/1049731518782647

Finet, C., Vermeer, H. J., Juffer, F., Bijttebier, P., & Bosmans, G. (2020). Adopted children's behavioral adjustment over time: Pre-adoption experiences and adoptive parenting. *The Journal of Early Adolescence, 40*(4), 453–479. https://doi.org/10.1177/0272431619858408

Fiore, S., Vliegen, N., Soenens, B., & Luyten, P. (2025). The moderating role of pre-adoptive reflective functioning in the association between early adversity and child difficulties after transnational adoption: A 4-year follow-up study. *European Child & Adolescent Psychiatry, 34*(12), 3937–3953. https://doi.org/10.1007/s00787-025-02782-x

Frey, L., Cushing, G., Freundlich, M., & Brenner, E. (2008). Achieving permanency for youth in foster care: Assessing and strengthening emotional security. *Child & Family Social Work, 13*(2), 218–226. https://doi.org/10.1111/j.1365-2206.2007.00539.x

Henrique, B. A. F. G. (2022). *Adoptee- and adopter-related predictors of adoption (in)stability* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]. https://doi.org/10.34626/gz6h-bq58

Hornfeck, F., Bovenschen, I., & Kappler, S. (2026). Longitudinal development and factors affecting emotional and behavioral problems in adopted children after placement. *Journal of Child and Family Studies, 35*(2), 383–399. https://doi.org/10.1007/s10826-025-03216-7

Koh, E., Rolock, N., Gillani, B., Jeon, J., White, K. R., Bai, R., & Wood, Z. B. (2025). Perceived sense of closeness and belonging for relative versus nonrelative adoptive families. *Family Relations, 74*(5), 2507–2525. https://doi.org/10.1111/fare.70008

Miller, J. J., Niu, C., & Moody, S. (2018). Investigating the child trauma knowledge of adoptive parents: An exploratory study. *Adoption Quarterly, 21*(4), 229–246. https://doi.org/10.1080/10926755.2019.1579134

Palacios, J., Rolock, N., Selwyn, J., & Barbosa-Ducharne, M. (2019). Adoption breakdown: Concept, research, and implications. *Research on Social Work Practice, 29*(2), 130–142. https://doi.org/10.1177/1049731518783852

Projeto AdoPt. (2021). *Questionário Sociodemográfico* [Instrumento não publicado].

Rolock, N., & Fong, R. (2019). *Supporting adoption and guardianship: Evaluation of the National Quality Improvement Center for Adoption and Guardianship Support and*

Preservation (QIC-AG) – Final evaluation report. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families, Children's Bureau.

Rolock, N., Ringeisen, H., White, K. R., McGinnis, H., & Domanico, R. (2026). Instability in adoptive families: Perspectives of young adult adoptees and adoptive parents. *Children and Youth Services Review, 185*, Article 108941. https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2026.108941

Rolock, N., White, K. R., McGinnis, H., Bai, R., Koh, E., Jeon, J., Ringeisen, H., & Domanico, R. (2026). Belonging in adoptive families: Perspectives of young adults and adoptive parents. *Adoption Quarterly, 29*(1–2), 235–258. https://doi.org/10.1080/10926755.2025.2583533

Sernaker, S. (2022). *National Quality Improvement Center for Adoption and Guardianship Support and Preservation (QIC-AG): User's guide* (NDACAN Dataset No. 260). National Data Archive on Child Abuse and Neglect.

Silva, R. P. (2023). *Experiências adversas na infância e problemas emocionais e comportamentais em crianças adotadas: Papel da compreensão parental da perda e trauma* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto].

Soares, J. L., & Barbosa-Ducharne, M. (2021a). *Questionário da Compreensão Parental da Perda e Trauma da Criança Adotada* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Soares, J. L., & Barbosa-Ducharne, M. (2021b). *Questionário de Compromisso do Adotante* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Staines, J., Golding, K., & Selwyn, J. (2019). Nurturing attachments parenting program: The relationship between adopters' parental reflective functioning and perception of their children's difficulties. *Developmental Child Welfare, 1*(2), 143–158. https://doi.org/10.1177/2516103219829861

White, K. R., Rolock, N., Gillani, B., Bai, R., Koh, E., Jeon, J., Ringeisen, H., Domanico, R., & George, J. (2025). Clinical child behavior challenges and post adoption instability: A multivariable analysis using propensity score weighting. *Journal of Child and Family Studies, 34*(11), 2946–2961. https://doi.org/10.1007/s10826-025-03189-7

Tabela 1

Itens do BEST-AG: Análise Descritiva

Item / pergunta	1	2	3	4	5
1. Em que medida sente que o/a (Nome) pertence à sua família?	Nada 0 (0.0%)	Um pouco 1 (1.8%)	Mais ou menos 2 (3.6%)	Muito 4 (7.3%)	Completamente 48 (87.3%)
2. Qual é a probabilidade de trocar presentes com o/a (Nome) da mesma forma que faz com as outras pessoas da sua família?	Definitivamente que não 0 (0.0%)	Provavelmente não 0 (0.0%)	Talvez sim, talvez não 0 (0.0%)	Provavelmente sim 3 (5.6%)	Definitivamente que sim 51 (94.4%)
3. Qual é a probabilidade de dar dinheiro ao/à (Nome) se alguma vez ele/ela precisar?	Definitivamente que não 0 (0.0%)	Provavelmente não 0 (0.0%)	Talvez sim, talvez não 1 (1.8%)	Provavelmente sim 14 (25.5%)	Definitivamente que sim 40 (72.7%)
4. Quando acontece algo de importante ao/à (Nome), qual é a probabilidade de querer falar com ele/ela sobre isso?	Definitivamente que não 0 (0.0%)	Provavelmente não 0 (0.0%)	Talvez sim, talvez não 1 (1.8%)	Provavelmente sim 5 (9.1%)	Definitivamente que sim 49 (89.1%)
5. Em que medida se preocupa/importa com o que acontece ao/à (Nome)?	Nada 0 (0.0%)	Um pouco 0 (0.0%)	Mais ou menos 0 (0.0%)	Muito 4 (7.3%)	Muitíssimo 51 (92.7%)
6. Quão feliz se sente quando passa tempo com o/a (Nome)?	Nada feliz 0 (0.0%)	Pouco feliz 1 (1.8%)	Moderadamente feliz 8 (14.5%)	Muito feliz 18 (32.7%)	Extremamente feliz 28 (50.9%)
7. Quão importante é para si que o/a (Nome) saiba que é querido/a/desejado/a?	Nada importante 0 (0.0%)	Pouco importante 0 (0.0%)	Moderadamente importante 1 (1.8%)	Muito importante 6 (10.9%)	Extremamente importante 48 (87.3%)

Item / pergunta	1	2	3	4	5
8. Com que frequência se sente próximo/a do/a (Nome)?	Nunca 1 (1.8%)	Algumas vezes 4 (7.3%)	Cerca de metade das vezes 4 (7.3%)	A maioria das vezes 15 (27.3%)	Sempre 31 (56.4%)
9. Quanto amor sente pelo/a (Nome)?	Nenhum 0 (0.0%)	Um pouco 0 (0.0%)	Mais ou menos 1 (1.8%)	Muito 9 (16.4%)	Muitíssimo 45 (81.8%)
10. Em que medida confia no/a (Nome)?	Nada 3 (5.5%)	Um pouco 6 (10.9%)	Mais ou menos 14 (25.5%)	Muito 14 (25.5%)	Muitíssimo 18 (32.7%)
11. Com que frequência inclui o/a (Nome) nas fotografias de família?	Nunca 0 (0.0%)	Algumas vezes 0 (0.0%)	Cerca de metade das vezes 0 (0.0%)	A maioria das vezes 3 (5.5%)	Sempre 52 (94.5%)
12. Quando o/a (Nome) pede ajuda, com que frequência lha dá?	Nunca 0 (0.0%)	Algumas vezes 0 (0.0%)	Cerca de metade das vezes 1 (1.8%)	A maioria das vezes 16 (29.1%)	Sempre 38 (69.1%)
13. Em que medida acha que o/a (Nome) se preocupa com o que lhe acontece a si?	Nada 2 (3.6%)	Um pouco 2 (3.6%)	Mais ou menos 5 (9.1%)	Muito 15 (27.3%)	Muitíssimo 31 (56.4%)
14. Com que frequência inclui o/a (Nome) nas férias em família?	Nunca 0 (0.0%)	Algumas vezes 0 (0.0%)	Cerca de metade das vezes 0 (0.0%)	A maioria das vezes 1 (1.8%)	Sempre 54 (98.2%)
15. Em que medida acha que o/a (Nome) o/a ama?	Nada 1 (1.8%)	Um pouco 2 (3.6%)	Mais ou menos 4 (7.3%)	Muito 11 (20.0%)	Muitíssimo 37 (67.3%)
16. Quão importante é para si que o/a (Nome) saiba que vai ficar na sua família para sempre?	Nada importante 0 (0.0%)	Pouco importante 0 (0.0%)	Mais ou menos importante 2 (3.6%)	Muito importante 3 (5.5%)	Extremamente importante 50 (90.9%)

Item / pergunta	1	2	3	4	5
17. Em que medida está comprometido/a em ajudar o/a (Nome) mesmo quando ele/ela já não viver em sua casa?	Nada comprometido 0 (0.0%)	Pouco comprometido 0 (0.0%)	Mais ou menos comprometido 4 (7.3%)	Muito comprometido 4 (7.3%)	Extremamente comprometido 47 (85.5%)
18. Qual é a probabilidade de continuar a investir na sua relação com o/a (Nome) quando ele/ela já não viver em sua casa?	Definitivamente que não 0 (0.0%)	Provavelmente não 0 (0.0%)	Talvez sim, talvez não 2 (3.6%)	Provavelmente sim 4 (7.3%)	Definitivamente que sim 49 (89.1%)
19. Com que frequência apoia/defende o/a (Nome) mesmo quando ele/ela está errado/a?	Nunca 4 (7.3%)	Algumas vezes 18 (32.7%)	Cerca de metade das vezes 2 (3.6%)	A maioria das vezes 17 (30.9%)	Sempre 14 (25.5%)
20. Que esforços fez para que o/a (Nome) sinta que pertence à sua família?	Nenhum 2 (3.6%)	Poucos 0 (0.0%)	Mais ou menos 1 (1.8%)	Muitos 10 (18.2%)	Muitíssimos 42 (76.4%)

Nota. Os valores são apresentados como n (%). As percentagens correspondem às percentagens válidas. No item 2, $N = 54$; nos restantes itens, $N = 55$.

Tabela 2

Correlações de Pearson entre os itens do BEST-AG

Item	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
1	__																			
2	.60***	__																		
3	.30*	.34*	__																	
4	.54***	.13	.19	__																
5	.62***	.55***	.26	.64***	__															
6	.50***	.40**	.20	.20	.47***	__														
7	.50***	.51***	.52***	.23	.60***	.50***	__													
8	.60***	.63***	.32*	.43**	.71***	.62***	.56***	__												
9	.76***	.61***	.32*	.39**	.66***	.71***	.55***	.66***	__											
10	.43***	.34*	.28*	.11	.46***	.56***	.48***	.55***	.50***	__										
11	.47***	.38**	.02	.55***	.55***	.20	.31*	.39**	.43***	.21	__									
12	.27*	.01	-.02	.25	.23	.09	.30*	.22	.19	.04	.32*	__								
13	.68***	.46***	.28*	.37**	.49***	.54***	.50***	.66***	.61***	.48***	.23	.36**	__							
14	.65***	.57***	.20	.31*	.49***	.40**	.63***	.45***	.55***	.31*	.57***	.18	.31*	__						
15	.76***	.65***	.35*	.43**	.68***	.67***	.64***	.74***	.77***	.57***	.39**	.22	.81***	.52***	__					
16	.77***	.68***	.34*	.34*	.73***	.50***	.63***	.64***	.63***	.46***	.30*	.14	.58***	.59***	.76***	__				
17	.75***	.78***	.30*	.38**	.76***	.49***	.59***	.66***	.70***	.50***	.48***	.26	.65***	.43**	.77***	.79***	__			
18	.80***	.82***	.31*	.21	.54***	.50***	.60***	.59***	.68***	.47***	.28*	.19	.66***	.57***	.75***	.76***	.89***	__		
19	.23	.00	-.04	.23	.23	.03	.09	.03	.15	.12	.12	.17	.30*	.14	.22	.11	.15	.14	__	
20	-.04	.09	-.04	.25	.05	-.12	-.05	.02	.00	-.17	-.01	-.11	.10	-.06	.06	-.03	.03	.00	.05	__

Nota. São apresentados coeficientes de correlação de Pearson *(r)*. A numeração dos itens corresponde à apresentada na Tabela 1. O número de casos válidos variou entre 54 e 55, devido a um valor omisso no item 2. *$p < .05$. **$p < .01$. ***$p < .001$.

Tabela 3

Relação entre Ligação Emocional, Sentido de Pertença Familiar e Variáveis Sociodemográficas, de Percurso Pré-adotivo, Compreensão de Perda e Trauma e Instabilidade Pós-Adoção

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Idade da criança/adolescente adotada/o (T2)	_									
2. Idade da figura parental respondente (T2)	.31*	_								
3. Idade no momento da adoção	.38**	-.17	_							
4. Tempo de acolhimento	-.02	-.17	.59***	_						
5. Tempo na família biológica	.47***	-.11	.91***	.22	_					
6. Experiências Adversas na Infância (EAI)	.17	-.23	.61***	.36**	.55***	_				
7. Compreensão parental da perda e do Trauma (T1)	.06	-.28*	.43**	.26	.38**	.31*	_			
8. Ligação emocional (T2)	-.29*	-.24	-.10	-.02	-.12	-.01	-.13	_		
9. Sentido de Pertença Familiar (T2)	-.22	-.25	-.06	-.08	-.04	-.09	-.04	.71***	_	
10. Instabilidade em adoção (T2)	.09	.03	.03	.04	.02	.08	.31*	-.59***	-.45***	_

Nota. $N = 55$. São apresentados coeficientes de correlação de Pearson (r). T1 = primeiro momento de avaliação; T2 = segundo momento de avaliação; EAI = Experiências Adversas na Infância. *$p < .05$. **$p < .01$. ***$p < .001$.

FACULDADE DE **PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**